

LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR

António Custódio Gonçalves *

O testemunho legado por Léopold Senghor constitui um repto para a Revista *Africana Studia*, na medida em que da sua obra ressalta uma preocupação constante da análise profunda da interacção entre uma sociedade aberta, tolerante, multicultural e humanista, e a construção do desenvolvimento da cidadania e da democracia, temáticas que têm sido privilegiadas nesta Revista.

Nasceu em 15 de Agosto de 1906, na aldeia de Joal, “la portugaise”, como ele próprio lhe chamava, uma antiga feitoria portuguesa na costa do Senegal, na encruzilhada de várias culturas, nações e políticas. Faleceu em Verson, na Normandia, no dia 20 de Dezembro de 2001.

Especialista em Línguas e Literaturas pela Sorbonne, dedicou-se ao estudo da Linguística negro-africana na Escola Prática de Altos Estudos e no Instituto de Etnologia de Paris. Foi o primeiro Professor africano agregado da Universidade de Paris – Sorbonne (1935) e o primeiro escritor negro a entrar para a Academia Francesa (1984).

Gostava de ensinar o sentido do equilíbrio, da complementaridade, da mestiçagem cultural e do Homem Universal.

Nas artes e letras, como na vida de cidadão interveniente e de notável político, um dos mais respeitados estadistas da África Negra, convoque-se apenas a defesa intrépida da integração e da unidade africanas e a sua visão universalista das sociedades e das culturas.

Tornou-se o expoente máximo do movimento cultural “Negritude”, tendo fundado com Aimé Césaire a “Revista do Mundo Negro”. As suas obras poéticas mais representativas “Orfeu Negro” e

* Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.

“Antologia da Poesia Negra e Malgache de língua francesa”, constituem “uma poesia em acção”, (como ele próprio definiu a sua vida) e revelam um pensador e intelectual comprometido, sabendo conjugar harmonicamente o “ser poeta” e o “ser político”.

A “Negritude” é entendida por Senghor na sua vertente filosófica e literária, como o conjunto de valores culturais da África Negra; na sua vertente política, como uma súpula cultural e ética contra a despersonalização do Africano e como construção da identidade africana; e, na sua vertente revolucionária e militante, como uma “via africana do socialismo”, sem negar os valores da africanidade.

Morreu uma das grandes figuras intelectuais da África Negra contemporânea, um grande humanista, um lídimo expoente da multiculturalidade e o *chantre* da Negritude. Deixa-nos como legado a defesa de uma Nova Ordem Cultural, contra a escravidão, a guerra e o sofrimento de África: “não haverá uma Nova Ordem económica mundial enquanto não for elaborada uma Nova Cultura Mundial”, como costumava afirmar. Esta Nova Cultura Mundial está associada ao amor que Senghor dedicou a África, como espaço de humanismo e desumanismo e ao seu amor pela Humanidade: a multiculturalidade e a “civilização do Universal” a que chamou o novo Humanismo do século XXI.

A sua obra e o seu perfil de pensador, de intelectual e de político foram consagrados pela atribuição do *Doutoramento Honoris Causa* por várias Universidades, entre as quais me permito destacar Baía, Bucareste, Cairo, Évora, Harvard, Lovaina, Paris-Sorbonne, Oxford, Viena.